



ESCOLA: ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE E APERFEIÇOAMENTO DA CIDADANIA

Maria Lúcia Corrêa Ricardo

LONDRINA 2009

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL - PDE GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

ESCOLA: ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE E APERFEIÇOAMENTO DA CIDADANIA

Maria Lúcia Corrêa Ricardo* Álvaro Lorencini Júnior**

^{*}Graduada em Ciências Biológicas pela FAFICOP. Pós-Graduada em Educação Especial (FAFIJAN) Mestranda em educação de Ciências e Ensino de Matemática da Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR)

^{**} Doutor em Educação, área de Didática pela Faculdade de Educação da USP. Projetos de Pesquisa e Extensão nas áreas de Formação de Professores de Ciências e Biologia, Ensino e Aprendizagem das Ciências e Biologia, Educação Ambiental e Sexualidade na Escola. Professor do Depto. de Biologia Geral do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR)

Resumo

Este artigo apresenta um relato de como foram realizadas etapas as consolidação de um estudo sobre а formação do Grupo de Apoio Implementação Projeto Escola. do PDE na cuia finalidade foi apresentar educação professores participantes sexual trabalhada que а naturalidade, a partir do interesse dos alunos em parceria uma pode contribuir construção da cidadania transformando para a sala de aula em um espaço democrático, podendo contribuir assim, com a construção de uma sexualidade crítica e responsável. Foi apresentada ainda a sexualidade de forma que esta possa uma maneira de trabalhar ser desvencilhando-a utilizada pelos alunos em sua vida prática sua biologização.

Palavras chaves: Professores. Sexualidade. Cidadania. Educação

Abstract

This article account of how the steps presents an were made consolidation of study on the formation of the Support Group а Project Implementation PDE School, whose purpose to present was the participating teachers that worked with education sex naturally from students' interest with the in а partnership the family can contribute to the construction of citizenship transforming classroom in а democratic space. and can thereby contribute of critical and responsible sexuality. It was also construction а presented way to work sexuality SO that it can be by their practice detaching from its used students in it biologization.

Key words: Teachers. Sexuality. Citizenship. EducationKey Wods

Introdução

A sala de aula é o espaço onde os adolescentes podem ter os primeiros contatos com a democracia. Tomando decisões, compartilhando ideias, aprendendo a hora certa de falar e de ouvir, respeitando as opiniões dos colegas e sendo respeitado pela suas próprias decisões, aprendendo a conviver com as diferentes culturas e aprendendo a respeitá-las. Uma sala de aula assim possibilita que os adolescentes levem para os outros ambientes escolares, como os corredores e os pátios, atitudes que possibilitarão a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A sexualidade é um fator que pode contribuir em muito para a construção de uma cidadania assim almejada, pois os adolescentes a vivenciam intensamente na escola, por conta disto é necessário tê-la com aliada para essa construção. É sendo ouvido que os alunos aprendem a ouvir, são falando de seus medos, suas dúvidas, suas preocupações e sendo atendidos que a escola poderá se tornar espaço de educação sexual.

Partindo sempre dos problemas trazidos pelos alunos a respeito da sexualidade, a escola poderá ajudá-los e orientá-los onde realmente se faz necessário. Para Lorencini Jr. (1997), "esse novo contexto faz da educação sexual uma prática social dotada da intencionalidade de democratizar a sala de aula, respeitando os múltiplos aspectos da cultura nela presentes." (p.94).

Sendo assim é importante que a escola esteja sempre atenta a manifestações das sexualidades dos alunos, não para reprimí-los, mas para orientá-los quanto ao respeito pelas diferenças individuais, as tomadas de decisões em relação aos outros e a si mesmo. Não devendo estas orientações ter dias e horas marcadas para acontecerem, e sim serem feitas a todo o momento, todos os dias, sempre que necessário, no sentido de esclarecer ou somente ouvir o que os alunos querem dizer a respeito de sexo, corpo, desejo, prazer, enfim, dar voz ao que se relaciona com sua sexualidade e orientação sexual.

As pessoas envolvidas em uma instituição de ensino, preocupadas com a formação integral do cidadão responsável e crítico deve ter sempre em mente a importância de ensinar através de seus exemplos, suas atitudes, sua maneira de agir. Ao

tratar da sexualidade, não deve ser diferente, uma postura de respeito e naturalidade ensinará mais que qualquer palavra. Segundo Sayão (1997, p.104)

"Uma linguagem que não fale de órgãos e funções do organismo, objeto da ciência, mas de um corpo que tem, quer e faz sexo. Um corpo que se desenvolve que está submetido às excitações. Um corpo que tem limite, que dá prazer e que sofre. Um corpo que é suporte de desejos. Um corpo adulto em uma cabeça que não é mais criança e que ainda será adulta."

Sendo assim os professores precisam assumir uma postura de diálogo com os alunos, estabelecendo uma relação de confiança sem criar cumplicidade e principalmente suspender seu juízo de valor. (SAYÃO, 1997).

Para que a escola possa ter professores comprometidos com a educação integral de seus alunos é necessário que se prepare para isso, e sinta-se à vontade para se relacionar com eles, usando como instrumento a linguagem das palavras, dos gestos, e dos sentimentos. "Não aprendemos recebendo os conhecimentos prontos dos outros, mas nos apropriamos de conhecimentos sociais a partir da interação ativa com diferentes vozes." (MORAES 2007, p.28).

Para Sayão (1997), muitos professores, mesmo sem perceber, ficam incomodados em transmitir esse tipo de conteúdo, por conta das reações dos alunos, suas convicções e curiosidades e até mesmo pelo fato de a linguagem expressar o estilo de quem fala.

Foi pensando na dificuldade vivida por professores do Ensino Básico da Escola Estadual do Paraná, , muitas vezes sem saber o que fazer o que responder e como agir diante das manifestações dos alunos, que foi realizado a implementação de um o projeto para trabalhar este tema com os professores, não na pretensão de elaborar uma estratégia que deverá ser seguida, mas na possibilidade de permitir que reflitam sobre a sexualidade, e como este tema sendo tratado com respeito e naturalidade, pode possibilitar a construção de uma sexualidade responsável e crítica.

Este trabalho é o relato da implementação deste projeto utilizando a formação do Grupo de Apoio formado através do Programa de Formação Continuada de Profissionais da Educação sendo um evento com enfoque pedagógico por meio de organização presencial na modalidade de grupo de estudos, sob o título - Escola: Espaço de Construção da Sexualidade e Formação da Cidadania, realizado no período de 04/04/2009 a 23/05/2009, com carga horária de 32 horas.

Composto por catorze participantes (professores e equipe pedagógica) do Colégio Estadual Thiago Terra do município de Londrina- PR, tendo como convidado externo o Professor Doutor Álvaro Lorencini Junior da Universidade Estadual de Londrina UEL e professora Maria Lúcia Corrêa Ricardo como proponente e coordenadora do grupo.

Os grupos de Apoio à Implementação dos Projetos PDE na Escola têm como objetivos: criar condições concretas para que o professor PDE e participantes possam discutir as bases teórico-metodológicas que orientam o trabalho; analisar a partir dos dados diagnosticados, a pertinência e adequação das atividades propostas auxiliando no acompanhamento, desenvolvimento, programação e avaliação das mesmas, realizadas ao longo do processo de implementação.

O conteúdo programático do referido Grupo de Implementação foi: sexualidade – aspectos biológicos e socioculturais; a desbiologização da sexualidade; sexualidade – juízo e valores, tomadas de decisões para o aperfeiçoamento da cidadania.

O desenvolvimento das atividades foi por meio de dinâmicas de grupo, relatos de experiências de professores frente ao tema nas salas de aula, leituras e debates de textos que abordaram a sexualidade, análise crítica de fatos reais que abordaram o tema sexualidade. As atividades foram distribuídas em oito etapas que se realizaram na própria escola em dias e horários pré-estabelecidos em cronograma.

No desenvolvimento deste artigo será apresentado como foi a execução de cada etapa do referido curso, apresentado as atividades e as conclusões por parte dos participantes. Serão apresentadas também algumas intervenções, a fim de ilustrar o texto sem a intenção de serem analisadas. Os nomes dos participantes cujas intervenções foram utilizadas para ilustrarem o trabalho são fictícios.

Desenvolvimento

1° Etapa: - Estudo do material didático- Escola: espaço de educação, cidadania e sexualidade.

Nesta etapa foi apresentado aos participantes do grupo o Material Didático preparado pela professora PDE durante o terceiro período do programa cujo tema trata da sexualidade numa visão política e sócio-cultural.

A sexualidade foi mostrada aos participantes como uma construção social e histórica, podendo ser observada em qualquer etapa da vida, porém se fazendo mais evidente na adolescência, sendo percebida na fala, nos olhares nas vestimentas, nas atitudes e nos comportamentos dos jovens.

A escola é o local onde os adolescentes passam grande parte de seu tempo e também é ela o centro de seu desenvolvimento e da sua vivencia na sociedade, tornando assim responsável pela formação, na íntegra, de sua cidadania. É na escola que os alunos aprendem a respeitar e ser respeitados por suas decisões e opiniões.

É nesta instituição que a educação sexual trabalhada com naturalidade, a partir do interesse e do cotidiano do aluno, possibilita favorecer o cultivo de atitudes saudáveis aos adolescentes, combatendo o preconceito, a descriminação a desigualdade, os estereótipos, permitindo-lhes tratar a sexualidade, com uma postura crítica e democrática, considerando os aspectos emocionais, culturais e éticos.

Possibilitando assim a formação de jovens mais conscientes da sua cidadania levando-os a refletir sobre desigualdades, a estabelecer juízo de valores, a não ser passivo, a não aceitar tudo o que é imposto como modismo. Ajudando a construir sua escala de valores a partir de uma tomada de consciência crítica que o capacita para o exercício de uma sexualidade com liberdade, responsabilidade e segurança. Permitindo ainda que os alunos tenham um espaço para debater seus medos, ansiedades e angustias.

É a sala de aula o espaço onde os adolescentes podem ter os primeiros contatos com a democracia. Tomando decisões, compartilhando opiniões, aprendendo à hora certa de falar e de ouvir, respeitando as opiniões dos colegas, sendo respeitado pela suas próprias ideias e aprendendo a conviver com diferentes culturas. Uma sala de

aula assim possibilita que os adolescentes levem também para os outros ambientes escolares, como os corredores e os pátios, atitudes que poderão permitir a construção de uma cidadania consciente e democrática, possibilitando refletir em uma sociedade mais justa e igualitária.

A sexualidade pode contribuir em muito para a construção de uma cidadania assim, pois sendo vivida intensamente na escola, é importante tê-la como aliada para essa construção. Por conta disto, é necessário que esta instituição esteja sempre atenta às manifestações dos alunos, não para reprimi-los, mas para orientá-los quanto ao respeito às diferenças individuais, as tomadas de decisões em relação aos outros e a si mesmo. Não devendo estas orientações ter dias e horas marcadas para acontecer, e sim serem feitas a todo o momento, que se fizer necessário. Esse contexto faz da educação sexual uma prática social dotada da intencionalidade de democratizar a sala de aula.

Houve certa divergência entre os participantes em relação à escola ser responsável pela formação integral dos alunos. Alguns afirmaram que este é o papel da família, e que a escola não pode ser responsável por mais este fator no desenvolvimento dos alunos uma vez que o período de convivência destes na escola é bem menor. Outros, porém afirmam que é na escola que se têm a oportunidade de ter acesso a outras realidades além daquelas que se conhece e isto possibilita aprender a respeitar as desigualdades e as diferentes formas de cultura existente no contexto escolar.

2° Etapa- DEBATE: BIOLOGIZAÇÃO X SEXUALIDADE

Esta etapa aconteceu por meio de diálogos dirigidos que permitiram aos professores relatarem suas experiências a respeito da sexualidade trabalhada em sala de aula, apontando em que as informações puramente biológicas atendem as necessidades de informações dos alunos em relação a masturbação, relação sexual (Como? Onde? Quando? Com quem?), namorar ou ficar, desejos e prazer.

A escola há algum tempo fornece informações biológicas sobre a sexualidade, apresentando a anatomia e a fisiologia do corpo humano, porém, isto pouco ajuda quando os adolescentes se deparam com problemas a serem resolvidos neste setor de suas vidas, pois não estão incluídas aí as informações práticas para as suas vidas.

Quando falamos em aparelho reprodutor feminino ou masculino, não estamos falando de sexualidade, e sim de uma parte de nosso corpo e de seu funcionamento. Ao falar de sexualidade devemos ter em mente que quem ouve é uma pessoa que passa pela maturação sexual fisiológica, que deseja se firmar na sociedade sofre mudanças radicais em seu corpo, e em sua mente, além do mais este jovem está submetido a vários tipos de excitações sexuais tanto do meio, como orgânicas e psicológicas. (SAYÃO, 1997).

Sexualidade envolve a maneira de agir, de um corpo que tem, quer e faz sexo. Sendo assim é necessário que os adolescentes recebam estas informações em uma linguagem em que não se use apenas palavras e sim através de uma postura de respeito e naturalidade por parte do professor.

Não se trata de abandonar a biologização, porém não podemos confiar a ela todo crédito da prática de uma sexualidade responsável. Trabalhando juntos os fatores biológicos, culturais e sociais da sexualidade, levando em conta os problemas trazidos pelos alunos até a sala de aula, e adotando uma postura natural e amigável por parte dos professores, teremos a possibilidade de responder aos anseios de nossos alunos, auxiliando na formação de uma sala de aula mais democrática e socializada.

Houve um consenso entre os participantes em relação à necessidade da biologização ser trabalhada em sala de aula, pois possibilitará o conhecimento fisiológico de seu corpo, mas, contudo por si só ela não responde às necessidades dos alunos em questões de sua vida prática.

Os participantes concluíram que para uma sexualidade responsável e crítica é preciso lembrar a todo tempo que os alunos inseridos num contexto escolar possuem sentimentos, desejos, curiosidades, querer dar e sentir prazer e possuem corpos que mostram como sua sexualidade está sendo construída, diferentemente dos corpos ilustrados nos livros didáticos.

3° Etapa: - Apresentação de relatos ocorridos em sala de aula

Nesta etapa, os professores falaram de algumas experiências vivenciadas por eles em sala de aula ou em outro espaço escolar, envolvendo manifestações de sexualidade por parte dos alunos. Os participantes relataram que sentem dificuldades em

lidar com tais situações. Alguns afirmaram sentir-se constrangidos e outros que preferem ignorar os questionamentos ou então deixam para responder em outro momento, alegando que aquele não é propício ou até mesmo pedem que falem com a professora de Ciências ou de Biologia, pois elas sim podem responder as questões com maior "autoridade".

Durante os relatos ficou clara a preocupação por parte dos professores em encontrar uma maneira de trabalhar a sexualidade sem colocar toda responsabilidade na sua biologização bem como e a necessidade de se buscar um meio de falar de sexualidade com os alunos de uma maneira em que estes se sintam seguros e percebam a relevância de assumir uma postura responsável e crítica em relação a este tema para suas vidas.

"Apesar de todas as aulas em que pude trabalhar o Sistema Reprodutor, e de todas as atividades que fiz com os alunos, incluindo dinâmicas, letras de músicas e trailers de vídeos, me senti frustrada em saber que uma de minhas alunas estava grávida aos dezesseis anos, e que o seu namorado tinha apenas dezoito" (Isabel).

"Foi um susto entrar na sala de aula e ver dois meninos deitados em cima de uma menina simulando uma relação sexual" (Pedro)

"Já havia percebido que aquele menino, sentado na última carteira da segunda fila era "diferente", mas não tinha percebido que a diferença era tanta... quase caí da cadeira quando ele chegou todo maquiado." (Renata).

"Não soube o que responder quando os alunos me perguntaram o que era circuncisão" (Bia).

A sensação de impotência dos professores por não conseguir dar a respostas aos alunos (não porque não sabem, mas por conta do constrangimento) ou por não saber o que fazer, mostra como é grande a falta de informação e instrução para que se trabalhe sexualidade na escola.

Os participantes concluíram que é importante que se aprenda a falar de sexualidade com os alunos de maneira que as informações sejam realmente úteis a eles, e que para que este aprendizado ocorra a informação é imprescindível, sendo necessário mais leituras e buscas por informações por parte dos professores.

4° Etapa: – Postura do professor e da escola frente ao tema sexualidade

Nesta etapa, foi apresentado aos participantes um texto da Professora Doutora Rosely Sayão sob o título **Os problemas da informação sexual e o papel da escola,** onde mostra que a sexualidade deve ser trabalhada pelos próprios professores da escola, que por sua vez não tem como se omitir desta tarefa tendo em vista que a sexualidade não fica do lado de fora desta instituição.

O texto salienta ainda a importância de parceria entre escola e família

"É na escola e mais especificamente na sala de aula, o lugar onde nosso aluno mais traz para discussão, assuntos relacionados na vida sexual, com objetivo de sanar dúvidas e minimizar anseios. Nós professores, sempre que possível, precisamos estar atentos para ouvir nossos alunos e assim estabelecer uma relação de confiança. Colocando-se de igual para igual, para ouvir sem impor juízo de valor é o que dará confiança para que eles se expressem com mais tranqüilidade. A escola em parceria com os pais pode desenvolver um importante papel na vida sexual dos alunos despertando valores como, por exemplo, falar e ouvir em grupo, respeitando esse limite e preservando sua intimidade." (Professor Pedro).

Segundo Sayão, (1997) não há duvidas de que a escola desempenha uma função na educação sexual de seus alunos. O grande problema é que os professores, nem sempre percebem isto em suas ações individuais e/ou coletivas.

A escola tem suas de normas a respeito dos comportamentos dos alunos que expressam a sexualidade. Como o assunto é incômodo, complexo e não faz parte do conteúdo obrigatório, raramente é discutido pelos professores. Mas o que se verifica, no dia-a-dia, é que os alunos o tornam tema obrigatório em sala de aula. Para dar conta desta situação cada professor faz o que pode. Em geral cada um age de acordo com sua

experiência pessoal e disponibilidade, norteado, geralmente, por informações obtidas em cursos, palestras ou leitura realizado por interesse próprio (SAYÃO, 1997).

Porém, como já mencionamos anteriormente, questões puramente biológicas não respondem as dúvidas e angustias dos alunos e dependendo do tipo de relação que eles tenham com o professor pode piorar a situação, uma vez que pode parecer uma tentativa de limitar algumas ações da vida sexual considerada perigosa para os adolescentes.

Segundo Sayão (1997), algumas escolas, atentas ao problema, se esforçam a contratar serviços de educação sexual, com profissionais preparados para tal. Mas, quase sempre essas atuações são pontuais e esporádicas que, alcançam um grau de êxito que, aos poucos, vai se diluindo e se perdendo no tempo, por não se constituir em um processo.

Para esta autora, o trabalho do dia-a-dia na escola deve ser realizado pelos professores, que mantém com os alunos uma relação de proximidade. São eles, portanto, os profissionais que poderão contribuir para que os alunos tenham uma visão positiva e responsável da sexualidade.

Para isto, é necessário que as escolas acabem com um estereótipo muito difundido: o de que o professor de Biologia ou o de Educação Física são os que mais reúnem condições para atender à demanda dos alunos com questões da sexualidade. É compreensível que quem ensina o aparelho reprodutor e quem trabalha com o corpo sejam alvo das perguntas mais indiscretas por parte dos alunos, mas nem sempre esses professores têm disponibilidade pessoal para realizar a tarefa ou querem isso. Segundo Sayão (1997), se o professor tem a disponibilidade pessoal para se responsabilizar pelo trabalho, sua área de conhecimento pouco importa.

Para esta autora se o professor estabelecer uma relação de confiança sem criar cumplicidades, suspender seu juízo de valor nas conversas, for capaz de ouvir antes de falar, sempre mantendo a posição de assimetria com os alunos, requisito indispensável para que a angústia do jovem se expresse, poderá adquirir os conhecimentos necessários para o bom exercício do trabalho com facilidade.

A autora alerta para o fato de que os alunos trazem de casa valores, conceitos e preconceitos que às vezes podem constranger o professore, porém é importante manter uma postura de naturalidade, e estabelecer uma parceria com os pais, a fim de que os

esclarecimentos possam acontecer o mais tranquilamente possível. Lembrando que, parceria nem sempre significa concordância, o que, no entanto, não deve impedir o desenvolvimento do trabalho.

Neste sentido é importante que a escola saiba entender a angústia dos pais e suportá-la, sem criar impedimentos e a partir disso reconhecer que cada família tem seus valores, e que estes são transmitidos para os filhos. Portanto, não cabe a ela competir com a família nem ocupar o seu lugar e sim, ter o seu papel claramente diferenciado e definido sempre tendo em mente que, mesmo cumprido seu papel com responsabilidade e competência, existem limites no trabalho de informar e auxiliar os alunos a terem seus próprios valores na vida sexual.

Um deles é o de o aluno falar e ouvir em grupo. Ele precisa inclusive, aprender a respeitar esse limite, preservar sua intimidade, formulando suas dúvidas e questionando conteúdos sem se expor, sem colocar sua privacidade em risco. E é nesse limite que termina a possibilidade de trabalho na escola. Para Sayão, 1997, p.102.

O sexo, para os jovens, tem o caráter de prazer e sacanagem. E para que eles possam, realmente, ouvir o que precisam refletir e repensar, questionar o que pensam o que falam e, sobretudo, o que fazem, é preciso que isso seja considerado. De nada adianta veicular funcionamento sobre o corpo de forma asséptica e desvinculada do prazer e da sacanagem, pois desse modo o jovem continuará do mesmo jeito que estava quando começou a conversa.

5º Etapa: -Trabalho em grupo: análise de caso real- Juízo de valor

Nesta etapa aconteceu análise de caso real, com o objetivo de apresentar aos participantes uma estratégia que possibilitará levar os alunos, em sala de aula, a refletir sobre valores, conceitos e pré-conceitos, que estão inseridos em sua realidade sociocultural.

Foi apresentado aos participantes uma noticia de jornal, (falado e escrito) onde foram analisadas as posturas das pessoas envolvidas atribuindo-lhes notas de um a dez.

No início todos os envolvidos possuem notas máximas, e à medida que é avaliada a nota poderá diminuir ou continuar a mesma.

O caso escolhido foi o de uma menina de nove anos, que ficou grávida de gêmeos após ter sido violentada por seu padrasto e por estar correndo risco de morte foi necessário realizar um abordo. A igreja católica se colocou totalmente compra tal atitude do médico e da mãe excomungando a todos os envolvidos.

Para que acontecesse a análise foi entregue aos professores artigos mostrando a visão da Igreja Católica, a visão dos médicos e um artigo relatando os fatos na visão da imprensa. Após a leitura dos artigos os participantes responderam a pergunta: Tendo em vista tal situação que nota você daria para:

A menina?

A mãe?

O médico?

O bispo?

O padrasto?

A Igreja Católica?

As opiniões em relação à menina, ao padrasto, ao médico e a mãe coincidiram em vários aspectos, porém no que tange à Igreja Católica, houve um grupo que a acusou colocando a ela total insensibilidade, e outro grupo a defendeu, colocando a responsabilidade a nível governamental.

Análise feita pelo grupo do professor Marcelo

Menina- vítima, sem intimidades com a mãe-nota-10,0

Mãe- vítima da sociedade-nota-5.0

Médico- ético, assumiu parte da "culpa"-nota: 10,0

Igreja- análise dos fatos isolados. Expôs uma comunidade, no caso a católica, julgando todos os envolvidos usando um dogma-nota: 0,0

Padrasto- doente- nota: 5,0

Análise feita pelo grupo da professora Marli

Menina- não pode ser responsabilizada por não ter idade, vivência suficiente para responder por si mesma.

Mãe- omissa. Talvez por não querer perder o parceiro

Igreja- Tomou a atitude em relação às leis da igreja, o estado é o maior culpado, pois este quadro reflete a realidade sócio-cultural de um povo carente.

Padrasto- totalmente culpado

Médico - fez o papel dele

"Este tipo de atividade é muito interessante, pois faz com que quem analisa os fatos possa se colocar na posição do outro, exercitando seu juízo de valor. Para trabalhar esta atividade qualquer fato ocorrido no dia-a-dia da vida dos alunos, na comunidade, até mesmo na escola, pode servir de texto para a análise. (professora Marli).

Com está atividade há a possibilidade de reflexão sobre conceitos e préconceitos em relação a um tema, propiciando a quem analisa a condição de se colocar no lugar do outro.

6° e 7° Etapas- Atividades para serem trabalhadas em sala de aula

Nestas etapas foram apresentados aos participantes textos e sugestões de atividades (dinâmicas) que possam ser trabalhadas em sala de aula. O objetivo é propiciar aos professores a possibilidade de iniciar o tema sexualidade de forma que não se restrinja a conteúdos biológicos permitindo uma investigação sobre o que os alunos já sabem e o que, neste momento o que é imprescindível que o professor fale.

Atividade 1- O QUE OS ADOLESCENTES QUEREM SABER SOBRE SEXUALIDADE?

"Querem saber" por parte dos adolescentes e "devem saber" por parte dos adultos podem originar desencontros nas salas de aulas, assim como em todo o contexto escolar. Um dos motivos geradores desta polêmica é o despreparo dos professores que se omitem, argumentando que se sentem despreparados, porém, a questão do despreparo pode passar tanto pela insuficiência de conhecimentos, como também pelo receio de defender valores conservadores e pela história de cada pessoa. Por esta razão é importante que os pais e a escola explicitem opiniões que sirvam como referenciais para os alunos refletirem.

A informação pode ser a mesma para todos, mas a reflexão é individual, levando cada pessoa a formar posturas personalizadas:

- Pais e professores estão confusos com a liberalização dos costumes;
- Os pais que trabalham, alegam falta de tempo, transferindo a responsabilidade para a escola.

Falta de tempo é outro ponto discutível. Daí os pais descartarem o privilégio de serem primeiros educadores sexuais transferindo para os professores a responsabilidade pelo processo de educação da sexualidade, pressupondo que estes, em geral, estejam atualizados quanto ao tema e preparados metodologicamente.

Entre "querer saber" e "dever saber"- pode-se correr o risco de impor aos alunos conteúdos com conotações moralistas, alertando-os para os perigos da sexualidade, para a contenção do prazer ou para o lado unicamente biológico e patológico, sem levar em conta os sentimentos, as emoções e posturas que o indivíduo tem frente a sua sexualidade.

Tentando resolver tanta coisa em tão pouco tempo, estamos frequentemente, bombardeando nossos alunos com um excesso de informações que são, muitas vezes, desencontradas e até confusas. Eles acabam acumulando muitas informações "avulsas" e desconexas sobre sexualidade e sexo, mas não conseguem contextualizá-las adequadamente.

Trabalhar com sexualidade não é jogar ou lançar informações. É, antes de tudo, aprender a aceitar as diferenças e semelhanças próprias de cada indivíduo elaborando um planejamento, onde seja salientado foco de interesses aos alunos, levando em consideração que esses focos estarão sendo permeados por diferenças culturais, de crenças religiosas e de fases do desenvolvimento.

Dinâmica 1- A VISITA DO E.T.

Objetivo:

Levantar questionamentos relativos à sexualidade, desvinculados de um contexto sociocultural

Materiais

Sala ampla, 5cartolinas, 5 pincéis atônicos, fita-crepe, adereço para a cabeça.

Procedimentos

- 1- O facilitador pedirá a todos que caminhem pela sala.
- 2- Ele avisará que chegaram E.T.s na Terra e gostariam muito de saber sobre a sexualidade dos humanos.
- 3-O facilitador comentará que apareceram 5 jornalistas para conversar com os E.T.s e colocará crachás com a inscrição "Imprensa" em 5 participantes.
- 4- Em seguida, o facilitador pedirá que se formem 5 grupos de E.T.s com 1jornalista em cada grupo, sentado no chão.
- 5-Esses 5 jornalistas irão registrando as perguntas que os E.T.s fizerem sobre a sexualidade dos terráqueos.
- 6- Para cada grupo, serão dados 1 cartolina e 1 pincel atômico; e o (a) jornalista anotará os itens mais interessantes perguntados pelos E.T.s e irá procurar respondê-los.
- 7- A prefeitura também pretende ajudar e enviará 5 consultores da cidade para complementar as dúvidas dos E.T.s. (nesse caso, poderão ser envolvidos outros facilitadores da instituição)

8- Antes de finalizar, o facilitador perguntará se as expectativas dos E.T.s. foram atendidas e pedirá aos jornalistas que fixem a matéria da reportagem (as cartolinas) na parede.

Pontos para discussão:

- 1. Refletir se é fácil ou não falar sobre sexualidade.
- 2. Por que é fácil para algumas pessoas e difícil para outras?
- 3. Com que os adolescentes se sentem mais a vontade para falar sobre sexualidade?

Atividade 2- EXPRESSANDO A SEXUALIDADE

Objetivo:

Discutir com os adolescentes as manifestações da sexualidade.

Materiais:

Sala ampla e confortável, cartolinas, folhas de papel, canetas coloridas, revistas e jornais

atuais e cola.

Tempo: 30 minutos

Procedimentos:

Trabalho individual:

- 1- Pedir aos alunos que pensem em algo que tenham visto, ouvido, falado ou sentido sobre a sexualidade.
- 2- Solicitá-los a guardar esses pensamentos para si. Não é necessário escrever.
- 3- Trabalho em grupo:
- 1- Formar grupos de 5 adolescentes e solicitar que conservem sobre diferentes situações em que a sexualidade é manifestada pelas pessoas no ambiente social.
- 2- Entregar revistas, jornais, folhas de papel, canetas, tesoura e cola aos grupos.
- 3- Solicitar os grupos a montar um painel com as figuras, os anúncios e textos que estejam relacionados com a sexualidade.
- 4- Após a elaboração do painel, pedir a cada grupo que eleja um representante para explicar como foi o processo de discussão e de montagem do painel.
- 5- Cada coordenador de grupo coloca seu painel em uma parede da sala explicará para o grande grupo o seu real significado.
- 6- Após as apresentações dos coordenadores, abrir um debate com todos os participantes.
- 7- O facilitador poderá fazer uma síntese dos tópicos apresentados e incentivar a reflexão sobre essas manifestações da sexualidade em diferentes culturas.

Com estas dinâmicas é esperado que os alunos tenham a possibilidade de verbalizar fantasias e assuntos desprovidos das "amarras sociais", isto é, de preconceitos, estigmas, estereótipos e crendices e terem a possibilidade de ter esclarecido as concepções sobre sexualidade e suas diferentes formas de expressão.

Os professores por meio desta atividade podem tomar consciência de que os alunos procuram satisfazer suas curiosidades de diversas maneiras. Buscam informações na mídia, com os pais e com os colegas, mas é na sala de aula, junto com os professores que a construção da sexualidade pode propiciar a formação de cidadãos responsáveis e críticos.

Todos os olhares, cheios de indagações, dirigem-se para o professor, como se perguntassem: é certo ou errado, é normal ou anormal? E a resposta simplista esperada não virá, nem o professor é obrigado a disfarçar neutralidade, pois o aluno perceberá nas

entrelinhas de seu discurso ou através da comunicação não-verbal qual é a sua postura em relação aos temas o afligem

É importante que o professor tenha boa interação com os alunos e que apresente facilidade e disponibilidade afetiva para trabalhar com adolescentes dentro do contexto da sexualidade.

8° Etapa- Encerrando o curso

Nesta etapa os participantes foram convidados a fazerem uma reflexão sobre o que foi trabalhado durante o curso analisando se as informações obtidas foram relevantes e se há a possibilidade de se trabalhar a sexualidade do modo apresentado.

Os participantes concordaram que assuntos que dizem respeito à sexualidade necessitam ser respondido de maneira franca e simples sendo os professores os que podem ajudar, não a sanar todas as dúvidas dos alunos, mas pelo menos possibilitá-los a ver a sexualidade como sendo uma construção histórica e social e ter sobre ela uma visão crítica e responsável contribuindo assim para a formação de cidadãos conscientes.

Ao invés de esperar que eles aprendam tudo o que acham que precisam saber pode-se ensiná-los a refletir sobre as informações que já receberam, e aprender a manejá-las a fim de ter a possibilidade de tomar decisões seguras para suas vidas.

Foram momentos em que pudemos apresentar nossas dúvidas em relação a como tratar desse assunto com nossos alunos em sala de aula. Falamos sobre a necessidade de ouvir sobre suas dúvidas e anseios, bem como é importante que os próprios professores falem de sexualidade com seus alunos sem intermédio de outros profissionais, não havendo a necessidade que de este professor seja exclusivamente o de Biologia ou o de Educação Física.

... Pensando a cidadania como sendo um conjunto de direitos e deveres, a sexualidade está ligada a esses dois eixos, assim sendo o aluno tem direito a exercer sua sexualidade desde que assuma os deveres que isso lhe trará mediante a sociedade na qual está inserido. (Ana)

Cabe ao professor mediar esse assunto e orientar sobre as consequências que as nossas atitudes podem ocasionar. (Leandro)

Escutar os alunos já é um grande passo para incentivar a visão crítica e responsável a respeito da sexualidade, pois através do diálogo o próprio professor tira conclusões e avalia os resultados de suas atitudes. (Helena)

Os aspectos culturais e sociais fazem toda a diferença no desenvolvimento da sexualidade dos alunos e alunas, dependendo do meio em que vivem eles agem e reagem de forma variada em relação a sua sexualidade. (Pedro)

Conclusão

Considerando a sexualidade como uma construção histórica e cultural constituída nas experiências de vida das pessoas, e dentre estas experiência, aquelas vivenciadas nos espaços escolares, na qual os professores possuem forte influência sobre a constituição do indivíduo como cidadão, é de grande relevância a maneira de como estes veem esta construção.

Não se pode negar a dificuldade de alguns professores em trabalhar um tema cercado por tabus, conceitos e pré-conceitos, principalmente quando a explanação puramente biológica do assunto já não dá conta de responder ao que os alunos precisam para construir uma sexualidade responsável e crítica.

Sendo assim uma das maneiras de propiciar aos professores condições de contribuírem com uma sexualidade assim constituída é por meio de informações que o levem a refletir sobre sua prática pedagógica e encontre a melhor forma de lidar com este tema possibilitando tanto seu crescimento profissional quanto desenvolvimento pessoal dos alunos.

Durante este curso os professores tiveram a oportunidade de debaterem sobre esta dificuldade e conhecer algumas alternativas de falar de sexualidade sem que isto se torne um pesadelo.

No início do trabalho existia resistência por parte dos professores em desvencilhar sexualidade e aparelho reprodutor, porém durante o desenvolvimento das atividades os participantes foram se apropriando da sexualidade como uma construção histórica e cultural e assim passível de influências sociais e políticas.

Outra desconstrução importante durante o curso foi a ideia de que apenas professores de Ciências, Biologia ou Educação Física são responsáveis por tratar de tal assunto. Por meio de atividades, questionamentos e debates foi mostrada que a sexualidade pode ser tratada por qualquer professor, deste que haja disponibilidade e comprometimento para tal, ressaltando que não são necessários outros tipos de profissionais para falar de sexualidade com os alunos, uma vez que não possam garantir a continuidades dos diálogos, interrompendo assim um processo de construção importante.

Salientou-se a importância da família como constituinte neste processo de construção e para isto sua parceria com a escola é uma condição importante, sendo respeitadas as devidas posições em relação a valores, costumes e condutas.

Referências

ALARCÃO, Isabel (org). **Escola reflexiva e nova racionalidade.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

GUIMARÃES, Isaura, **Educação Sexual na Escola:** mito e realidade. /Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LORENCINI JUNIOR, Álvaro/ Os sentidos da sexualidade: Natureza, cultura e educação. / In Aquino Groppa Julio. / **Sexualidade na escola:** alternativas teóricas e práticas/ São Paulo: Summus, 1997. p 87-95.

MORAES, Roque/ Aprender Ciências: reconstruindo e ampliando saberes. /In Galiazzi, Maria do C. et al: Construção Curricular em Rede na Educação em Ciências: uma aposta de pesquisa em sala de aula, Ijuí: Unijuí, 2007.p 19-36.

SAYÃO, Rosely/ Os problemas da informação sexual e o papel da escola/In Aquino Groppa Julio. / **Sexualidade na escola:** alternativas teóricas e práticas/ São Paulo: Summus, 1997, p 97-105.

SOUZA, Nadia Geisa Silveira de/ Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental, Estudos Feministas, Florianópolis, 12(1): 360, janeiro-abril/2004